

REFLEXÕES E POSSIBILIDADES EXERCIDAS PELO CONHECIMENTO CIENTÍFICO NO PERÍODO SOCRÁTICO

Fabiano da Silva Yoiti Kanadani¹, Cláudia Herrero Martins Menegassi²

¹Mestrando do Programa de Gestão do Conhecimento nas Organizações, Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. fsykanadani@gmail.com

²Orientadora, Doutora. Professora do Programa Pós-Graduação em Gestão do Conhecimento nas Organizações, UNICESUMAR. Pesquisadora do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação – ICETI. claudia.menegassi@unicesumar.edu.br

RESUMO

A concepção de conhecimento que o meio científico tanto preza na atualidade é uma construção social relativamente antiga, tendo a sua gênese ainda nos áureos tempos da Grécia Clássica. O presente estudo realizou uma breve apreensão acerca dos principais filósofos que contribuíram junto ao processo de sistematização do conhecimento, inculcando-lhe um caráter racional e de validade científica, com destaque para Sócrates, Platão e Aristóteles. Para tanto, foi realizado um resgate bibliográfico objetivando contextualizar algumas das questões sociais e políticas contemporâneas a esses pensadores, esforço esse que permitiu compreender a importância que essa nova forma de refletir o mundo exerceu e continua exercendo no meio social. A libertação do conhecimento perante os valores místicos e religiosos se apresentou enquanto um exercício em busca de sua unicidade, isto é, um caráter universal que pudesse ser igualmente raciocinado e reproduzido por todos os homens, superando assim as subjetividades imanentes em cada individualidade do sujeito. Portanto, não é a generalização do conhecimento em si que se apresenta enquanto propósito, mas uma convergência quanto a sua explicação metodológica, instituindo com isso uma lógica inteligível para toda a coletividade social a respeito de uma determinada indagação.

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimento; Ciência; Filosofia; Epistemologia; Metodologia.

1 INTRODUÇÃO

Discorrer acerca da importância do conhecimento científico na atualidade é uma questão extremamente válida e necessária, pois a sua discussão não é nada recente e já possui um longo período de contribuições sociais para a humanidade, afinal, a importância exercida pelo conhecimento perpetua no mundo desde o período da Filosofia Clássica. Toda a ciência contemporânea apresenta de alguma forma uma gênese epistêmica ligada às discussões instruídas nesse recorte temporal, instante em que se inicia o rompimento do homem com as explicações mitológicas, dada à necessidade de se encontrar respostas lógicas para as grandes questões da vida. Com isso, visando dar cabo das verdades até então insuficientes, a Filosofia Grega Clássica vai exercer influência em todo o mundo Ocidental em seu período, pois passa a investigar as questões humanas que envolvem a ética, a política e as técnicas, ou seja, um enfoque vinculado mais com a vida pública e a atividade humana (CHAUÍ, 1994).

É importante esclarecer que os esforços instruídos no presente ensaio buscam apenas dialogar com os sentidos que o conhecimento exerceu no período antropológico da filosofia. Trata-se de um esforço que se volta à compreensão das contribuições que os filósofos desse período exerceram na formação da Teoria do Conhecimento. Esse empenho é ainda mais imprescindível dado ao desafio aqui colocado, uma vez que se discute a própria gênese do conhecimento científico, discussão essa que já se fazia presente entre os filósofos pré-socráticos. Assim, ciente de tantas amplitudes, os esforços aqui engendrados, teve o seu recorte de estudo alinhado à abordagem da presente temática no Período Socrático, pautando-se na trindade grega clássica: Sócrates, Platão e Aristóteles.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Considerando a necessidade de entender o rompimento de paradigmas acerca de como se percebia o conhecimento cultivado até aproximadamente o século VII a.C. na Grécia Antiga, o presente estudo foi realizado seguindo os critérios de pesquisa básica, tipo bibliográfica e com abordagem qualitativa. A pesquisa pura ou básica é uma realização que objetiva produzir novos conhecimentos que contribuam para o avanço da ciência. A necessidade de se utilizar da pesquisa bibliográfica deveu-se pela necessidade em compreender de forma mais significativa a temática em discussão, ou seja, um esforço que procura “[...] referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta” (FONSECA, 2002, p. 32).

Considerando o enfoque instruído em relação à abordagem do problema em estudo, este se caracterizou como qualitativo, pois “os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais [...]” (RICHARDSON, 1999, p. 80). Todo esse cuidado metodológico configura a precaução em respaldar-se pelo zelo ético-científico que exige as publicações de cunho acadêmico.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A atual concepção de mundo com sua filosofia ocidental hegemônica tem uma origem representada no pensamento dos filósofos atuantes no período áureo da Filosofia Grega: Sócrates, Platão e Aristóteles. Vale destacar que esses cânones da Grécia Clássica vão receber influências (opostas ou não) dos pensadores de uma vertente filosófica antecedente (não necessariamente cronológica): os filósofos pré-socráticos ou cosmológicos. É nesse cenário que se inicia o processo de sistematização da Teoria do Conhecimento ou Gnosiologia (do grego gnosis - conhecimento). Também conhecida como Epistemologia (do grego épistêmé – ciência), ela estuda a construção do conhecimento, diferenciando o que é ciência de senso comum e visa demonstrar a validade do saber científico, dentre outras questões. A discussão de uma Filosofia com caráter efetivamente racional, a qual estivesse dotada de questões para além de indagações míticas, vai ser consolidada com as ideias de Sócrates, inaugurando assim uma tradição racional em busca do conhecimento verdadeiro, sendo que para tal tarefa, o exercício da razão se colocava como o único instrumental válido.

Contrariando o relativismo dos sofistas, Sócrates afirma que conhecimento fica possibilitado quando usamos a razão. A concepção de razão para o filósofo se resumia na “[...] capacidade para chegar aos conceitos pela distinção entre aparência sensível e realidade, entre opinião e verdade, entre imagem e conceito, acidente e essência. A razão é o poder da alma para conhecer as essências das coisas” (CHAUI, 1994, p. 154). Em seu entendimento, a validade do conhecer é alcançada quando se consegue elaborar uma definição universalmente válida, isto é, compreensível e inteligível a todos uma determinada operação intelectual, cenário em que se alcança a ciência. Trata-se de uma tarefa que delimita contornos e identifica a essência de um fenômeno, constituindo assim uma lógica explicativa única que em nada se assemelha aos relativismos sofísticos. É a racionalidade e não a percepção dos cinco sentidos que consegue anunciar um conhecimento confiável uma experiência que não se faz utiliza do aparente corporal, mas de uma razão sistematizada.

Os reflexos dessa concepção socrática vão influenciar diretamente as ideias de Platão, o qual propõe uma explicação filosófica conhecida como Teoria dos Dois Mundos: o mundo da matéria (mundo sensível) composto pelas coisas, materialidades, aparências e das cópias e o mundo das verdades (mundo inteligível) que compreende as ideias, a originalidade e a essência das formas. A passagem do mundo sensível ao inteligível, do

aparente ao essencial e da multiplicidade à unidade é uma realização possível com a utilização da dialética, isto é, uma analogia com a tese socrática. Platão aponta que o mundo dos sentidos, enquanto referencial, é um equívoco, pois o conhecimento verdadeiro encontra-se no mundo das ideias. Assim, a aprendizagem é um ato de recordação, que ele nomeia de reminiscência, um exercício no qual o sujeito sai do mundo dos sentidos em direção ao mundo das ideias de encontro com o conhecimento teórico. Em seu método filosófico, Platão se utilizou da citação de mitos e alegorias com o propósito de cimentar o terreno e deixar mais concreta e inteligível a explanação abstrata de seus pensamentos. A “Alegoria da Caverna” presente livro VII de “A República” mostra uma situação dessas, pois explica que o ser humano carrega uma visão distorcida do real e é facilmente influenciado por terceiros, sendo que a verdade essencial está fora da caverna. Contudo, o comodismo das ‘verdades’ sensíveis impede os sujeitos de acreditarem na realidade concreta (BONNARD, 1980).

Assim como Sócrates, Platão construiu seu pensamento tendo por base o Inatismo, isto é, uma tese que defende o sujeito como já detentor em sua carga hereditária de uma estrutura conceitual necessária para compreender o mundo, portanto, são anteriores à experiência. Diferentemente dessa concepção, Aristóteles acreditava no Empirismo, interpretação essa que destoa com o Inatismo socrático-platônico e apregoa o princípio de que o conhecimento vem, principalmente, das experiências sensoriais. Segundo Aristóteles, o dualismo platônico entre mundo sensível e mundo das ideias é uma estrutura dispensável para dar conta de responder o questionamento acerca do conhecimento verdadeiro. O pensar é uma realização que não tem sua origem do contato com a alma, mas com o mundo das ideias (experiência sensível), pois “nada está no intelecto sem antes ter passado pelos sentidos”, dizia o filósofo (TUAN, 1974).

Entretanto, não se deve desconsiderar todo o pioneirismo do conhecimento científico inaugurado com Sócrates e Platão, pois na realidade, a filosofia aristotélica não exerce um integral rompimento com o método socrático-platônico, uma vez que o conhecimento abstrato continua tendo a sua importância e validade. Contudo, Aristóteles discorda da concepção de que se tem uma ruptura entre a experiência e a teoria, pelo contrário, existe sim uma continuidade. A rigidez socrático-platônica de que o conhecimento abstrato é melhor que o conhecimento sensível é na verdade a sua principal fraqueza, pois a sua confiabilidade reside no fato dele poder ser sistematizado, rigoroso e profundo, atributos esses que Aristóteles vai igualmente inserir no mundo sensível por intermédio da experimentação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização do conhecimento de forma que seja produtivo e benéfico para toda a sociedade é algo cada vez mais urgente e necessário. Com isso, assim como nos longínquos tempos da Grécia Clássica, na atualidade o conhecimento verdadeiro continua a figurar enquanto um exercício de poder crucial que segmenta os vários estratos sociais. A origem do rigor metodológico do conhecimento científico, laico, sistemático, preciso e objetivo vai ocorrer com Sócrates no auge do pensamento grego. As suas reflexões originaram duas tendências da filosofia: o enfoque idealista de Platão e perspectiva realista de Aristóteles. O enfrentamento empenhado por Sócrates contra os discursos relativistas dos sofistas evidencia a necessidade de que, para se encontrar a verdade, o homem deve adotar uma postura humilde e questionadora, um quadro eficiente e necessário para conhecer de fato a realidade.

Essa busca por uma verdade universalmente aceita e válida do conhecimento terá continuidade com Platão. O filósofo insiste na necessidade de se recorrer ao diálogo (embate de argumentos e contra-argumentos) para se atingir um conhecimento verdadeiro.

Conhecido como dialética, esse procedimento metodológico é uma investigação racional acerca de uma dada problemática em questão, uma estrutura em que a contradição se coloca como um viés construtivo. Portanto, a contradição é admitida apenas enquanto meio para superar as verdades e saberes até então estabelecidos, fazendo assim necessária uma atitude crítica, necessidade de reflexão, questionamento coeso da opinião, da procedência e de suas fundamentações. Assim, a dialética platônica não centra as suas análises no objeto estático, mas contextualiza o objeto de estudo em um complexo enredo de verificações múltiplas e coerentemente posicionadas.

Em Aristóteles, o conhecimento científico adquire uma sistematização bastante aproximada com as práticas contemporâneas, sendo ele o responsável por sistematizar inicialmente o raciocínio empirista, influenciando diversos filósofos e cientistas empiristas a exemplo dos pensadores Thomas Hobbes, Francis Bacon, John Locke, David Hume, entre outros. Distinguindo-se do inatismo platônico, o pensamento aristotélico defende que o conhecimento advém da experiência e, portanto, a observação tem primazia sobre a teoria. Aristóteles vai inserir o entendimento de que o conhecimento adquire a sua validade no instante em que apresentar uma justificativa lógica, um atributo que sustente os seus princípios com base em argumentos verdadeiros, uma vez que nenhum fenômeno ou efeito existe se não estiverem atrelados a alguma causa. Diante disso, essa estrutura expressa uma ciência que tenha realidade enquanto ponto de partida para produzir o conhecimento, critério esse que se dá pelo fato de amparar-se no observável e também em sua característica imediata de necessidade.

Dado o exposto percebe-se a complexidade que envolve dialogar a respeito da Teoria do Conhecimento, um pensar filosófico que intenciona investigar o que é o conhecimento, suas possibilidades, fundamentos, gênese e valor. Essa preocupação não é recente, pois já estava presente desde os embates de Sócrates com os sofistas, uma questão que ainda permeia diversas instâncias sociais da atualidade. Portanto, discorrer acerca do conhecimento científico é considerar todas as hipóteses inquiridas, um exercício que terá a sua credibilidade perpetuada à medida que não se façam mais presentes argumentos questionadores quanto à instituição de uma determinada verdade. Dito isso, pode-se afirmar que inexistente um conhecimento científico acabado, pois a principal virtude da ciência se assenta justamente na capacidade de sempre estar apta a receber novos métodos que melhor expliquem as verdades até então estabelecidas.

REFERÊNCIAS

BONNARD, A. **A civilização grega**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza, CE: Universidade Estadual do Ceará, 2002. Apostila.

CHAUÍ, M. S. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**. São Paulo: Brasiliense, v. 1, 1994.

MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo Atlas: 1999.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Ed. DIFEL, 1974.

VERNANT, J. P. **Mito e pensamento entre os gregos:** estudos de psicologia histórica.
Trad. Hayganuch Sarian. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1990.